

Wall Kintun e Lei de Meios: autorrepresentação e vozes dos povos originários na Argentina

Estela Rocha de Ungaro

Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos Latino-Americanos

Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA)

estellaungaro@gmail.com

Resumo

O objetivo deste estudo é discutir a relação dos indígenas Mapuche com o funcionamento do canal de TV *Wall Kintun* sob o ponto de vista de seus integrantes. Para tanto, analisam-se seus depoimentos no documentário *Wall Kintun TV: La experiencia del primer canal indígena de Argentina*, tendo em vista suas expectativas em relação ao funcionamento do canal e a atuação do Estado argentino. Os referenciais teóricos aqui utilizados abarcam a discussão em torno da definição de documentário apresentada por Nichols (2005), a construção histórica do imaginário em torno dos povos indígenas discutida por Pagden (1988) e por Viveiros de Castro (2015), e a dinâmica social e política evidenciada por Turner (1991) a partir de sua experiência com o *Kayapó Video Project*. Os resultados revelaram dois grandes temas que se destacaram e se inter-relacionaram nos depoimentos: i) “o canal como ferramenta de expressão para os povos originários” e ii) “a filosofia mapuche como norteadora da/na gestão do canal”.

Palavras-chave: povos originários; mapuche; comunicação; audiovisual, cultura

Abstract

The aim of this paper is to discuss the point of the view of Mapuche indigenous people with their own TV Channel *Wall Kintun*. Therefore, we analyze their statements in the documentary: *Wall Kintun TV: La experiencia del primer canal indígena de Argentina* focusing on their expectations regarding the operation of the TV Channel and the actions of the Argentine government. The theoretical reference we use here are: the definition of documentary presented by Nichols (2005), the construction of the historical image of the indigenous people discussed by Pagden (1988) and Viveiros de Castro (2015), and the social and political dynamics evidenced by Turner (1991) in his experience with the *Kayapo Video Project*. The results revealed two major themes that stood out and are inter-related in the statements, which are: i) "the channel as an expression tool for native peoples" and ii) "the Mapuche philosophy guiding the channel management".

Keywords: indigenous people; mapuche; communication; audiovisual, culture

Introdução

Abordar a questão do direito à comunicação e a democratização dos meios para os povos indígenas, especificamente no que se refere ao meio televisivo, implica discutir a “dinâmica social e política” (Turner, 1991), construída no processo de gestão e funcionamento de um canal de televisão sob a perspectiva dos integrantes indígenas envolvidos em tal processo. Considerando a necessidade da garantia à pluralidade de vozes, com atenção especial aos povos originários, bem como suas representações, torna-se necessária a discussão da visão destes diante do descumprimento parcial do Estado argentino em relação à Lei 26.522 de Serviços e Comunicação Audiovisual (LSCA)¹.

Desde a inauguração do primeiro canal de televisão aberta dos povos originários na Argentina, o *Wall Kintun*, no segundo semestre de 2012, muitas foram as denúncias feitas pelos Mapuche integrantes de sua equipe de gestão e produção acerca do descumprimento estatal de certos pontos da lei que autoriza o seu funcionamento. A LSCA, também conhecida como Lei de Meios, é responsável por regulamentar os meios de comunicação do país e foi aprovada pelo congresso argentino no ano de 2009 em substituição ao decreto-lei 22.285 sancionado durante o governo ditatorial de Rafael Videla. É importante ressaltar que a regulamentação é resultado de uma construção coletiva da qual participaram ativamente centenas de organizações da sociedade civil, entre elas grupos indígenas, cuja demanda comum era a democratização e a pluralidade de vozes nos meios de comunicação.

Pretende-se, então, com este trabalho discutir a relação dos Mapuche que integram a equipe de gestão e produção do *Wall Kintun* e o funcionamento do canal sob os pontos de vista deles próprios. Para tanto, analisa-se os depoimentos registrados e selecionados para o documentário intitulado *Wall Kintun TV: La experiencia del primer canal indígena de Argentina*, produzido pelo colombiano de descendência indígena Yanakuna, Wilson Martinez Guaca, tendo em vista as expectativas dos Mapuche acerca do funcionamento do *Wall Kintun* e à atuação do Estado após sua inauguração no ano de 2012 e durante sua implementação junto aos Mapuche participantes deste processo.

Meios próprios de comunicação: um canal aberto para a autorrepresentação

Nichols (2005, p. 26) afirma que todo filme é um documentário, seja ele de “representação social”

1 Especificamente em relação aos artigos que contemplam e garantem financeiramente o funcionamento do canal televisivo *Wall Kintun* aos povos originários.

ou de “satisfação de desejos”, pois em qualquer um destes dois tipos trata-se sempre de uma representação auditiva e visual da visão de mundo de um determinado indivíduo, grupo ou instituição que, por sua vez, ao assumir a autoria de uma produção audiovisual tem como objetivo convencer-nos de seu ponto de vista através de argumentos e estratégias persuasivas próprias. A partir de tal definição e para a compreensão de uma dinâmica política e social do acesso de povos indígenas a meios próprios de comunicação – especialmente a um canal de televisão –, faz-se necessária, então, uma reflexão em torno do contexto no qual estão inseridas tais produções tanto quanto de suas estruturas, considerando principalmente quem fala e para quem.

Acerca desse assunto, vale destacar, ainda segundo a óptica do autor, o ponto de vista de quem produz em relação ao contexto e à obra como um todo. Nesse sentido, Nichols (2005, p. 45) apresenta, entre outras formulações possíveis para tais estruturas, aquela que “desloca o cineasta da posição em que estava separado daqueles a quem representa, para uma posição de unidade com estes últimos”, aplicada a um determinado grupo que fala de seu próprio contexto para os que estão “de fora”. Isso mostra que o acesso a meios próprios de comunicação pode ser considerado um elemento fundamental para a autorrepresentação de um povo ou comunidade e, ao mesmo tempo, pode vir a promover uma transformação do formato tradicional e histórico do audiovisual. Pois, a partir da participação ativa na gestão de um meio televisivo, a voz dos sujeitos participantes vêm à tona e revelam sua historicidade, bem como sua cultura e seu contexto.

Na América Latina, há a herança da construção histórica de um imaginário oriunda dos tempos coloniais. De acordo com Pagden (1988), ao discutir as transformações do significado do termo “bárbaro”, num primeiro momento, todos os que eram considerados “alheios” aos observadores espanhóis, ou seja, aqueles que não pertenciam à sociedade e cultura espanholas, eram vistos sob esta denominação. Segundo o autor, o termo teve como função primária estabelecer uma hierarquia entre as sociedades, e seu significado transitou entre a ausência de civilidade e a desumanização de indivíduos que fossem estranhos culturalmente para os europeus, o que implica em uma prevalência do olhar da cultura europeia sobre as indígenas, que, a partir desta definição, passaram a carregar uma conotação de inferioridade.

Viveiros de Castro (2015, p. 37), afirma que para os espanhóis havia uma descrença de que os “(...) corpos dos outros contivessem uma alma formalmente semelhante às que habitavam os seus próprios corpos (...)”. Essa assertiva reforça a ideia de que, a partir da perspectiva europeia, toda a cultura que não representasse o seu próprio povo, em específico, o espanhol, deslocava-se para outro “corpo” cultural e assumia um status de inferioridade ou marginalidade. Dessa forma, a construção do imaginário em

relação aos sujeitos indígenas como povos marginalizados foi sendo tecida na trama social e cultural narrativa e a eles atribuída tal marginalidade, uma vez que estes não pertenciam à cultura espanhola.

Pode-se dizer, dessa maneira, que ainda hoje há a presença de resquícios desse imaginário na sociedade, de maneira geral, uma vez que é notória a divisão dos papéis destinados a cada grupo, bem como suas posições na sociedade, especialmente se observamos as narrativas audiovisuais, onde o indígena é quase sempre retratado como o “outro” e como exótico. Para que estas posições sejam repensadas, o acesso a meios próprios de comunicação, conforme discutido pelos indígenas que participaram da criação da Lei de Meios (Guzmán, 2011), é fundamental para uma reflexão que acena para a transformação desse imaginário.

Nesse sentido, ao apresentar o conceito “mídias nativas” em sua análise da comunicação indígena a partir do projeto *Vídeo nas Aldeias*, Pereira (2010) aponta que a partir da apropriação das mídias audiovisuais por parte dos povos indígenas, surge a possibilidade de um maior protagonismo capaz de “estilhaçar” as imagens de índios construídas historicamente durante o processo colonial. Para a autora, a apropriação de tais tecnologias está claramente associada a uma autorrepresentação capaz de construir novas representações e significações.

É importante observar que a LSCA, legislação que contempla o funcionamento da comunicação e do audiovisual no contexto argentino, aprovada em outubro de 2009, estabelece no inciso “ñ” como um de seus objetivos “la preservación y promoción de la identidad y de los valores culturales de los Pueblos Originarios”. Como já mencionado acima, o documento oficial é resultado da demanda de centenas de organizações da sociedade civil, e é onde consta a autorização do acesso dos povos originários da Argentina a meios próprios de comunicação, entre eles um canal de televisão.

Ao discutir as demandas que motivaram a mobilização pela construção da LSCA e especialmente para os povos indígenas na Argentina, Villamayor (2010) afirma que estes reivindicavam o acesso a seus próprios meios para que, por meio deles, pudessem decidir como seriam identificados e representados.

A necessidade da identificação em meios próprios de comunicação dos povos originários e suas relações com a intervenção estatal são apontadas também por Michaels (1994). A partir da etnografia realizada durante a realização de produções audiovisuais com a comunidade aborígene Warlpiri na Austrália, o autor aponta como uma tendência a presença de um conflito entre os discursos do Estado e dos povos como uma luta de forças, onde há uma vantagem do primeiro sobre o segundo.

Ainda nessa perspectiva antropológica, Turner (1991), a partir de sua experiência com o *Kayapó Video Project*, desenvolvido pela comunidade Kayapó no Brasil, salienta a inevitável sujeição da prática audiovisual por povos indígenas às práticas políticas e sociais não-indígenas, desde sua criação a sua

exibição.

A respeito do cenário latino-americano, em especial o chileno, vale destacar a transformação identificada por Pereira Covarrubias (2015) na relação dos Mapuche com sua identidade cultural indígena a partir dos anos 90. De acordo com sua análise havia, até então, a negação de tal identidade decorrente da discriminação gerada com os forçados processos migratórios destes sujeitos para as cidades no século XX, e da necessidade de integração com a sociedade urbana para que conseguissem trabalho naquele contexto. A mudança apontada pelo autor surge a partir de uma rearticulação trabalhada conjuntamente por organizações e comunidades rurais que participavam ativamente de processos de resistência, recuperação de territórios e reivindicações político-culturais, efetivados na organização de projetos de comunicação e cultura cujo principal objetivo era a busca de “una autoafirmación identitaria, la recuperación, fortalecimiento y preservación del entramado simbólico-cultural de su pueblo”.

O caminho da análise e discussão dos resultados

Em 2015 o colombiano de descendência Yanakuna que atua como pesquisador e produtor na área de comunicação social, Wilson Martinez Guaca, entrevistou, na cidade de San Carlos de Bariloche, sete integrantes Mapuche do canal *Wall Kintun* para a realização de um documentário que discute seu processo de implementação. Publicado na plataforma online de vídeo *Youtube* em junho de 2016, sob o título *Wall Kintun TV: La experiencia del primer canal indígena de Argentina*, o material está dividido em tópicos que abordam o surgimento, a implementação e a programação do canal, sua relação com a Lei de Meios, a prática televisiva para os integrantes da equipe, as tensões que envolvem o projeto e a sua continuidade, e a cosmovisão mapuche e seus pontos de vista acerca da comunicação e do “Wall Kintun”.

Para este trabalho foram analisadas as narrativas indígenas presentes no documentário e considerado que, embora estas tenham sido selecionadas e editadas pelo diretor Wilson Martinez Guaca, o acesso a este material foi intermediado pelo produtor e jornalista do *Wall Kintun*, **Oscar Moreno**, que tem colaborado desde o primeiro semestre deste ano com o desenvolvimento da pesquisa de mestrado em que se baseia este artigo. Considera-se, assim, que os temas identificados nas falas dos sujeitos entrevistados servem como importantes pontos de partida para uma discussão acerca da utilização do audiovisual e da televisão pelos povos indígenas, bem como de suas relações com todas as implicações que surgem a partir da participação neste processo.

A partir da transcrição dos depoimentos dos sete mapuches entrevistados para o documentário e da interpretação do material em vídeo e transcrito, em um primeiro momento foram identificados alguns temas recorrentes em suas falas, sendo que, entre estes, nota-se uma predominância e uma inter-relação

entre dois deles, quais sejam: “o canal como ferramenta de expressão para os povos originários” e “a filosofia mapuche como norteadora da/na gestão do canal”.

O primeiro tema diz respeito ao entendimento deste canal de televisão como uma ferramenta de fala e expressão para os povos originários na Argentina. Apesar da gestão do *Wall Kintun* estar especificamente sob a gestão dos Mapuche que vivem em San Carlos de Bariloche, fala-se repetidas vezes em “lugar de expressão” para todos os povos indígenas do país. Assim, fica evidente a preocupação com a existência de um espaço de visibilidade nos meios de comunicação do país para todos os povos originários, como pode-se perceber na fala de **Salvador Buenuleo**, *longko* (“chefe”) da comunidade Buenuleo, ao descrevê-lo como um canal “*donde no solamente la Buenuleo sino que todas las comunidades de acá alrededor de la provincia y el país tengan un lugar donde expresarse*”. Tal noção surge como uma forma de retomada da fala após um silenciamento histórico pela cultura *winka* (ocidental)², conforme identificado no depoimento do mapuche da comunidade Buenuleo e cinegrafista do *Wall Kintun*, **Lucas Dinamarca**: “*durante el pasar de los años los pueblos originarios, o las raíces donde vienen muchas personas, incluso la cultura, se ha perdido. Como muchos dicen, han silenciado los pueblos originarios y ahora tienen la oportunidad de poder salir adelante y tener un medio en el cual puedan hablar*”. Paralelamente, ressalta-se ainda a importância desta ferramenta como um meio que possibilita que estes povos tenham voz nos meios de comunicação para tratar de assuntos presentes em seus contextos, idealmente, a partir de suas próprias perspectivas.

É interessante observar que a utilização do canal como uma ferramenta de expressão, é enfatizada, ainda, como sua principal razão de existência, como é possível perceber no depoimento de **Salvador Buenuleo**: “*tratamos de que no sea silencio, que con el tiempo el canal se agrande y que puedan toda la comunidad de los pueblos originarios tener su lugar donde expresarse. Ese es el motivo del canal Wall Kintun*”.

Compreende-se, dessa maneira, que é nesse ponto que surge a filosofia mapuche como o segundo tema recorrente nas narrativas analisadas, bem como a inter-relação entre este e o primeiro tema. Nota-se que sua essencialidade é apresentada em dois sentidos: tanto como guia fundamental para o trabalho ali realizado, quanto como aquilo que deve ser visibilizado através dele. É o que fica explícito quando **Oscar Moreno** afirma em relação aos objetivos do *Wall Kintun*: “*tenemos un objetivo claro, tenemos una filosofía propia y tenemos esa esencia que sustenta la programación de este canal. Lo que van a ver en el canal, lo que se ve además del noticiero es programación que tiene que ver con documentales que visualizan o tratan de dar a conocer la lucha de los pueblos originarios, la filosofía, la cultura, las*

2 Tradução de Oscar Moreno para o termo mapuche.

“costumbres” (entre comillas)³, el idioma”.

Percebe-se, neste trecho que ao mesmo tempo em que o *Wall Kintun* é colocado como uma ferramenta de fala e expressão, entende-se também a filosofia mapuche como fundamental para definir o quê e como deve ser dito através deste instrumento, podendo-se entrever que é ela aquilo que tem sido perdido e que pretende-se transmitir através da televisão para que a sociedade saiba que há outra forma de *“ver, entender e vincular-se com o mundo”*.

A relação entre a filosofia mapuche e o canal como ferramenta de expressão é posta em evidência quando, ao discorrer sobre a programação do canal e seus objetivos, **Oscar Moreno** finaliza sua fala com a afirmação de que o povo mapuche é *“un pueblo que se niega a morir, un pueblo que apuesta a su cultura y por lo tanto, a su proyección”*, o que mostra a importância da cultura mapuche, de sua transmissão e sua visibilidade na sociedade.

Paralelamente, é possível observar nos depoimentos ainda a presença de uma “valorização do senso de coletividade” e uma “sensação de abandono”. Nota-se que há uma relação antagônica entre estes dois sentimentos, e ainda que o segundo associa-se a uma expectativa não correspondida, gerada pelo primeiro, diante das ações do Estado ou de sua ausência nas ações decisivas em relação às necessidades financeiras e estruturais na gestão do canal.

O senso de coletividade surge nos depoimentos analisados como uma “essência da filosofia mapuche”, – algo que está presente para aqueles sujeitos em todas as suas relações – e é declarado explicitamente por **Oscar Moreno**, ao descrever a filosofia mapuche como *“una filosofía circular y horizontal, donde ninguno sobra y donde todos somos importantes”*. Nessa perspectiva, vale ressaltar ainda que o próprio termo *Wall Kintun*, escolhido para nomear o canal, significa *“mirar alrededor”* ou *“buscar alrededor”*, nas palavras de **Oscar Moreno**, o que evidencia esta noção de que, para os Mapuche, há uma relação fundamental e constante com tudo o que existe e está além do indivíduo.

Antagonicamente, conforme apontado acima, identificou-se a presença da “sensação de abandono” como um sentimento decorrente de uma expectativa gerada pela valorização do senso de coletividade não correspondida pelo Estado por meio de sua ausência após a inauguração do canal. Esse sentimento de abandono fica evidente principalmente nas falas de **Salvador Buenuleo** e **Oscar Moreno**. Ao discorrer sobre a relação dos Mapuche com o governo, **Salvador Buenuleo** declara: *“me siento muy solo”*. Nesse mesmo sentido, posteriormente, percebe-se no discurso de **Oscar Moreno**, além da sensação de abandono, também sua relação antagônica com a valorização do coletivo, quando diz: *“as veces sentimos que estamos caminando en un bosque cerrado, no hay camino y poco a poco estamos*

3 É importante esclarecer que Oscar Moreno, em sua fala, diz o termo “entre aspas”, ao se referir ao termo costumes.

abriendo paso”. Fica claro aqui que, apesar de sentirem fortemente a ausência do Estado, há entre os próprios Mapuche uma noção plural e coletiva presente tanto no que se refere à filosofia deste povo, quanto no que diz respeito às suas ações cotidianas.

Conclusões

No intuito de abordar a questão do direito à comunicação e a democratização dos meios para os povos indígenas na Argentina, bem como discutir suas relações especificamente no que se refere ao meio televisivo a partir da experiência dos Mapuche habitantes de San Carlos de Bariloche com a implementação do canal *Wall Kintun* após aprovada a Lei de Meios, que autoriza sua transmissão, pelo congresso argentino, foram analisadas narrativas de integrantes de sua equipe de gestão e produção a partir das entrevistas realizadas pelo colombiano de descendência Yanakuna, Wilson Martinez Guaca, no documentário realizado em 2005 e publicado sob o título *Wall Kintun TV: La experiencia del primer canal indígena de Argentina*. Discutiu-se, ainda, a “dinâmica social e política” (Turner, 1991) decorrente das relações entre os povos originários e o Estado, considerando o descumprimento parcial do segundo em relação à Lei 26.522 de Serviços e Comunicação Audiovisual (LSCA), especificamente no processo de implementação do canal.

A partir das análises, foram revelados, num primeiro momento, dois grandes temas que se destacaram e se inter-relacionaram nos depoimentos, quais sejam: i) “o canal como ferramenta de expressão para os povos originários” e ii) “a filosofia mapuche como norteadora da/na gestão do canal”. Nesses temas apareceram tópicos que mostraram, de um lado, “a valorização do coletivo” no que se refere à filosofia mapuche e, de outro, “o sentimento de abandono”, no que tange à responsabilidade do Estado argentino e ao descumprimento parcial da legislação, especificamente, aos artigos que contemplam e se responsabilizam pelo respaldo financeiro do *Wall Kintun*.

Percebeu-se que, para os Mapuche, especialmente aqueles participantes do processo de construção e implementação do *Wall Kintun* e integrantes de sua equipe de gestão e produção cujos depoimentos foram aqui analisados, a importância de integrar a gestão de um canal de televisão está no significado que este meio representa para eles por servir como uma ferramenta de expressão e como um espaço de visibilidade para que os povos originários, historicamente distanciados da possibilidade de construir sua própria autorrepresentação, tenham a possibilidade de tratar de suas questões a partir de suas próprias perspectivas. Nessa direção, foi identificada também a filosofia mapuche como o segundo grande tema, inter-relacionado ao primeiro no que diz respeito ao quê e de que forma estes sujeitos desejam expressar-se através dos meios de comunicação.

Este estudo revelou, sobretudo, a importância de uma discussão em torno da questão do acesso dos povos indígenas a meios próprios de comunicação, em especial ao meio televisivo, bem como a relação entre o Estado e estes povos ao longo de um processo de construção de um meio de comunicação em que as duas partes estejam envolvidas e cujas forças apresentam assimétricas proporções históricas. De maneira geral, o estudo mostrou também, ao mesmo tempo, a necessidade de se considerar os pontos de vista dos povos originários enquanto participantes ativos e produtores de conteúdo para uma compreensão do significado, desde suas perspectivas, de estar na posição de gestores de um meio de comunicação e, portanto, produtores de conteúdos que contemplem suas próprias formas de compreensão do mundo e de si.

Referências

ARGENTINA. Lei nº 26.522. Regulamentação de Serviços de Comunicação Audiovisual. 10 de outubro de 2009.

GUZMÁN, Victor H. La participación em los Foros por una nueva Ley de Servicios de Comunicación Audiovisual em Argentina. El caso de los pueblos indigenas/originarios. ISSN: 1988-2629, Nº 7, Nueva Época, Setembro-Novembro, 2011.

MICHAELS, Erich. For a Cultural Future: Francis Jupurrurla Makes TV at Yuendumu. In: Bad Aboriginal Art: Tradition, Media, and Technological Horizons. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1994.

NICHOLS, Bill. Introdução ao documentário. Campinas, SP: Papirus, 2005.

PAGDEN, Anthony. La imagen del bárbaro. In: La caída del hombre natural: el indio americano y los orígenes de la etnología comparativa. Madrid: Alianza Editorial, 1988.

PEREIRA COVARRUBIAS, Andrés. Irrupción simbólica en el movimiento social mapuche. Una panorámica de su producción audiovisual. Chasqui. Revista Latinoamericana de Comunicación, n. 29,

agosto-novembro, 2015.

PEREIRA, Eliete da Silva. Mídias Nativas: a comunicação audiovisual indígena e o caso do projeto Vídeo nas Aldeias. Ciberlegenda (UFF Online), v. 1, 2010.

TURNER, Terence. The Social Dynamics of Video Media in an Indigenous Society: The Cultural Meaning and the Personal Politics of Video-making in Kayapo Communities. *Visual Anthropology Review*, v. 7, n. 2, 1991.

VILLAMAYOR, Claudia. La Ley de SCA y la visibilización de los Pueblos Originarios. In: Ley 26.522 – Hacia un nuevo paradigma en comunicación audiovisual. AFSCA, 2010.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. *Metafísicas canibais: elementos para uma antropologia pós-estrutural*. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

WILSON MARTINEZ GUACA. Wall Kintun TV: La experiencia del primer canal indígena de Argentina. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=7VJddEJzfcU>>. Acesso em outubro, 2016.